

Depoimentos



Caetano Veloso, José Saramago e Jorge Amado, 1996

Jorge Amado*

Sobre Quincas Berro Dágua

Pouco a pouco, vai-se pondo de pé e, a partir de certo instante, toma nas mãos seu destino e o traça independentemente de minha vontade, de meus planos de romancista, de minhas decisões. Há um momento, Senhora, em que o personagem não pode ser controlado. “Cada qual cuide de seu enterro, o impossível não há”, disse Quincas Berro Dágua na hora de morrer a sua morte, aquela que ele desejou e quis. A outra, a morte bem-comportada de enterro em Campo Santo com acompanhamento de familiares e colegas de repartição, ele a abandonou em mãos da filha e do irmão, por mesquinha e indigna. (p. 55)

Sobre Dona Flor

A Bahia é um território perigoso para o ficcionista limitado em seu realismo ou em sua visão, porque aqui sucedem imprevistos e acidentes que não encontram fácil explicação e entendimento. Assim deu-se que dona Flor, sentindo um dia saudade mais profunda e forte do primeiro marido, boêmio e jogador, um traste no dizer das vizinhas, veio encontrá-lo deitado em sua cama, nu como ela o vira pela última vez antes que fosse posto no caixão de defuntos. Descera da morte para atender ao chamado de dona Flor, eu não saberia explicar como, de que maneira: há toda uma enorme área de vida baiana onde os acontecimentos se processam de forma mágica e imprevisível. Quando Vadinho voltou do nada para o leito de dona Flor, eu, romancista baiano, apenas constatei o fato, não tentei buscar-lhe explicação, deixando ao leitor compreendê-lo e aceitá-lo. [...] Afirmo, Senhora, sob a fé de minha palavra, que fiz quanto pude, quanto estive em minha mão e em meu esforço, para que lágrimas corressem dos olhos de dona Flor, para que o negro remorso se apossasse de seu coração, e a medida de sua culpa,

* Trechos do livro de Jorge Amado *Carta a uma jovem leitora sobre romance e personagens*. Salvador, Casa das Palavras, 2003.

da inominável traição, se lhe aparecesse em toda a tremenda medida de tragédia pequeno-burguesa. Nada consegui e a tímida e mansa dona Flor seguiu pela vida afora com seus dois maridos, o louco e o cordato, o boêmio e o trabalhador, o Cão e o Santo, contente dos dois, feliz nos braços de um e nos braços do outro, totalmente cínica. (pp. 57-65)

Sobre personagens de *Mar morto*

Milagre da coragem e da decisão foi o de Lívia tomando do leme do saveiro de Guma e assumindo o mar, a travessia, a tempestade, quando seu homem morreu e a deixou sozinha. Até então, as viúvas dos saveiristas e dos marítimos só tinham um caminho após a morte dos maridos: os prostíbulos do Tabuão e do Pelourinho, da ladeira de São Miguel e da rua da Carne Seca. [...] Não quis, como tantas outras Otálias, Marinalvas, Esmeraldas, acolher-se ao antigo ofício, chorar sua saudade no ombro de Tibéria ou de Quitéria do Olho Arregalado, maternais donas de castelo. Tomou o leme do saveiro, tinha um filho a alimentar, e naquela hora da decisão encontrou junto a si, companheira e amiga, aquela cuja fama corria o mundo, Rosa Palmeirão, mulher sem medo, figura que eu trouxe viva da fimbria do cais diretamente para as páginas de *Mar morto*. (pp. 66-71)

Mia Couto

... E fazer do nosso sonho uma casa*

Eu venho de muito longe e trago aquilo que eu acredito ser uma mensagem partilhada pelos meus colegas escritores de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. A mensagem é a seguinte: Jorge Amado foi o escritor que maior influência teve na gênese da literatura dos países africanos que falam português.

A nossa dívida literária com o Brasil começa há séculos, quando Gregório de Matos e Tomás Gonzaga ajudaram a criar os primeiros núcleos literários em Angola e Moçambique. Mas esses níveis de influência foram restritos e não se podem comparar com as marcas profundas e duradouras deixadas pelo baiano.

Deve ser dito (como uma confissão à margem) que Jorge Amado fez pela projeção da nação brasileira mais do que todas as instituições governamentais juntas. Não se trata de ajuizar o trabalho dessas instituições, mas apenas de reconhecer o imenso poder da literatura. Nesta sala, estão outros que igualmente engrandeceram o Brasil e criaram pontes com o resto do mundo. Falo, é claro, de Chico Buarque e Caetano Veloso. Para Chico e Caetano, vai a imensa gratidão dos nossos países que encontraram luz e inspiração na vossa música, na vossa poesia. Para Alberto Costa e Silva vai o nosso agradecimento pelo empenho sério no estudo da realidade histórica do nosso continente.

Nas décadas de 50, 60 e 70, os livros de Jorge cruzaram o Atlântico e causaram um impacto extraordinário no nosso imaginário coletivo. É preciso dizer que o escritor baiano não viajava sozinho: com ele chegavam Manuel Bandeira, Lins do Rego, Jorge de Lima, Erico Verissimo, Rachel de Queiroz, Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e tantos, tantos outros.

Em minha casa, meu pai — que era e é poeta — deu o nome de Jorge a um filho e de Amado a um outro. Apenas eu escapei dessa nomeação referencial. Recordo que, na minha família, a paixão brasileira se repartia entre Graciliano

* Apresentada na “Noite de Leituras” de Jorge Amado, em São Paulo, no dia 25 de março de 2008.

Ramos e Jorge Amado. Mas não havia disputa: Graciliano revelava o osso e a pedra da nação brasileira. Amado exaltava a carne e a festa desse mesmo Brasil.

Neste breve depoimento, eu gostaria de viajar em redor da seguinte interrogação: por que este absoluto fascínio por Jorge Amado, por que esta adesão imediata e duradoura?

É sobre algumas dessas razões do amor por Amado que eu gostaria de falar aqui. É evidente que a primeira razão é literária, e reside inteiramente na qualidade do texto do baiano. Eu acho que o maior inimigo do escritor pode ser a própria literatura. Pior que não escrever um livro é escrevê-lo demasiadamente. Jorge Amado soube tratar a literatura na dose certa, e soube permanecer, para além do texto, um exímio contador de histórias e um notável criador de personagens. Recordo o espanto de Adélia Prado que, após a edição dos seus primeiros versos, confessou: “Eu fiz um livro e, meu Deus, não perdi a poesia...”. Também Jorge escreveu sem deixar nunca de ser um poeta do romance. Este era um dos segredos do seu fascínio: a sua artificiosa naturalidade, a sua elaborada espontaneidade.

Hoje, ao reler os seus livros, ressalta esse tom de conversa íntima, uma conversa à sombra de uma varanda que começa em Salvador da Bahia e se estende para além do Atlântico. Nesse narrar fluido e espreguiçado, Jorge vai desfiando prosa e os seus personagens saltam da página para a nossa vida cotidiana.

O escritor Gabriel Mariano, de Cabo Verde, escreveu o seguinte: “Para mim, a descoberta de Amado foi um alumbramento porque eu lia os seus livros e via a minha terra. E quando encontrei Quincas Berro D’água eu o via na ilha de São Vicente, na minha rua de Passá Sabe”. Essa familiaridade existencial foi, certamente, um dos motivos do fascínio nos nossos países. Seus personagens eram vizinhos não de um lugar, mas da nossa própria vida. Gente pobre, gente com os nossos nomes, gente com as nossas raças passeavam pelas páginas do autor brasileiro. Ali estavam os nossos malandros, ali estavam os terreiros onde falamos com os deuses, ali estava o cheiro da nossa comida, ali estava a sensualidade e o perfume das nossas mulheres. No fundo, Jorge Amado nos fazia regressar a nós mesmos. Em Angola, o poeta Mario António e o cantor Ruy Mingas compuseram uma canção que dizia: “Quando li *Jubiabá!* me acreditei António Balduino./ Meu Primo, que nunca o leu/ ficou Zeca Camarão”. E era este o sentimento: António Balduino já morava em Maputo e em Luanda antes de viver como personagem literário. O mesmo sucedia com Vadinho, com Guma, com Pedro Bala, com Tieta, com dona Flor e Gabriela e com tantos outros fantásticos personagens.

Jorge não escrevia livros, ele escrevia um país. E não era apenas um autor que nos chegava. Era um Brasil todo inteiro que regressava à África. Havia pois uma outra nação que era longínqua mas não nos era exterior. E nós precisávamos desse Brasil como quem carece de um sonho que nunca antes soubéramos ter. Podia ser um Brasil tipificado e mistificado, mas era um espaço mágico onde nos renasciam

os criadores de histórias e produtores de felicidade. Descobríamos essa nação num momento histórico em que nos faltava ser nação. O Brasil — tão cheio de África, tão cheio da nossa língua e da nossa religiosidade — nos entregava essa margem que nos faltava para sermos rio.

Falei de razões literárias e outras quase ontológicas que ajudam a explicar por que Jorge é tão Amado nos países africanos. Mas existem outros motivos, talvez mais circunstanciais. Nós vivíamos sob um regime de ditadura colonial. As obras de Jorge Amado eram objeto de interdição. Livrarias foram fechadas e editores foram perseguidos por divulgarem essas obras. O encontro com o nosso irmão brasileiro surgiu, pois, com épico sabor da afronta e da clandestinidade.

A circunstância de partilharmos os mesmos subterrâneos da liberdade também contribuiu para a mística da escrita e do escritor. O angolano Luandino Vieira, que foi condenado a catorze anos de prisão no Campo de Concentração do Tarrafal, em 1964, fez passar para além das grades uma carta em que pedia o seguinte: “Enviem meu manuscrito ao Jorge Amado para ver se ele consegue publicar lá no Brasil...”.

Na realidade, os poetas nacionalistas moçambicanos e angolanos ergueram Amado como uma bandeira. Há um poema da nossa Noêmia de Sousa que se chama “Poema de João”, escrito em 1949, e que começa assim: “João era jovem como nós/ João tinha os olhos despertos,/ As mãos estendidas para a frente,/ A cabeça projetada para amanhã,/ João amava os livros que tinham alma e carne/ João amava a poesia de Jorge Amado”.

E há, ainda, outra razão que poderíamos chamar de linguística. No outro lado do mundo, se revelava a possibilidade de um outro lado da nossa língua.

Na altura, nós carecíamos de um português sem Portugal, de um idioma que, sendo do Outro, nos ajudasse a encontrar uma identidade própria. Até se dar o encontro com o português brasileiro, nós falávamos uma língua que não nos falava. E ter uma língua assim, apenas por metade, é um outro modo de viver calado. Jorge Amado e os brasileiros nos devolviam a fala, num outro português, mais açucarado, mais dançável, mais a jeito de ser nosso.

O poeta maior de Moçambique, chamado José Craveirinha, disse o seguinte numa entrevista:

Eu devia ter nascido no Brasil. Porque o Brasil teve uma influência tão grande que, em menino, eu cheguei a jogar futebol com o Fausto, o Leônidas da Silva, o Pelé. Mas nós éramos obrigados a passar pelos autores clássicos de Portugal. Numa dada altura, porém, nós nos libertamos com a ajuda dos brasileiros. E toda a nossa literatura passou a ser um reflexo da literatura brasileira. Quando chegou o Jorge Amado, então, nós tínhamos chegado à nossa própria casa.

Craveirinha falava dessa grande dádiva que é podermos sonhar em casa e fazer do sonho uma casa. Foi isso que Jorge Amado nos deu. E foi isso que fez Amado ser nosso, africano, e nos fez, a nós, sermos brasileiros. Por ter convertido o Brasil numa casa feita para sonhar, por ter convertido a sua vida em infinitas vidas, nós te agradecemos companheiro Jorge. Muito obrigado.

O escritor Antonio Emílio Leite Couto, MIA COUTO, nascido em 1955 na cidade de Beira, em Moçambique, é poeta, contista, cronista e romancista, autor de livros como *Terra sonâmbula*, *O último voo do flamingo*, *O outro pé da sereia* e *Fio das missangas*, entre outros.